



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

Augusto de Santa Rita
PAPIM

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



Por AUGUSTO DE SANTA RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

(Continuação do número anterior)

Como certamente já descobriram, os dois vultos que galopavam, à noite, em fuga desordenada, eram Rapina e Milita cujo amor inviável à luz da vida, aos olhos deste mundo, só assim era possível à luz do Universo, aos olhos das estrelas, à doce bênção do luar.

Que exclamações de pasmo e de surpresa, soltaria o pai de Milita se ela ousasse confiar-lhe o seu Amor por Rapina, salteador, bandoleiro, muito embora, no fundo, um grande coração.

Rapina de tal maneira influira na sua imaginação exaltada, que Milita, louca de paixão, resolvera segui-lo, à mercê do Destino. Que iriam fazer?!... Nem, sequer, uma trouxinha de roupa quizera levar de casa de seu pai.

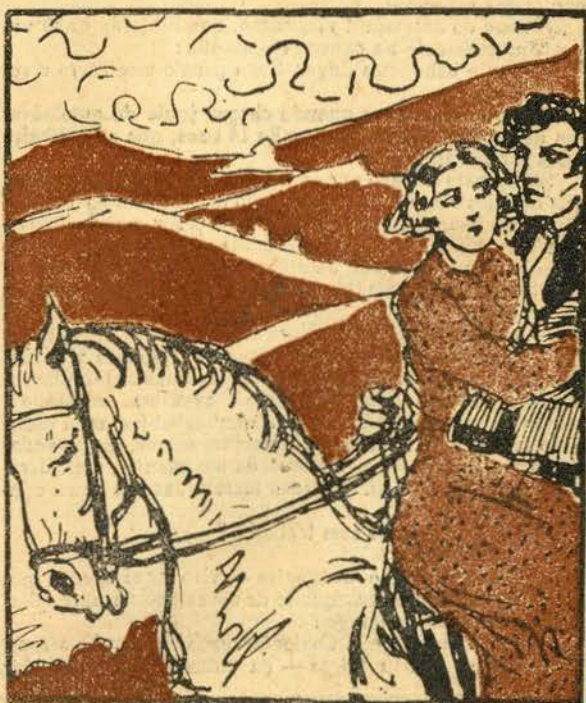
— «Deus é grande e o mundo é vasto!...» dizia Rapina ao ler-lhe no olhar os seus pensamentos: — «Tenhamos fé no Destino; a Fé, remove montanhas!» e trotavam, agora, já fartos de galopar.

Por fim, chegados a uma pequena povoação, Rapina, presentindo o grande cansaço de Milita, fez estacar o cavalo junto a um modesto prédio em cuja fachada, sobre uma porta em arco, se ostentava um letreiro com a seguinte inscrição: — «Albergue dos Peregrinos» Rapina bateu as palmas. Uma cabeça de homem assomou à janela e perguntou: — «Quem é?!...»

— «Gente de paz!» objectou Rapina, repeitando e acrescentando: — «Gente de paz que pede pousada. Há quarto?»

— «Sim, senhor, (volveu o estalajadeiro), Eu vou abrir... Um momento...»

Rapina e Milita desceram da sela do feroso corcel a brilhar de suor e salivando espuma. Súbito, abriu-se a porta um homemzarrão surgiu, murmurando, ensonado, ao mes-



(Continua na pagina 4)



O BANDIDO NUMERO 13

Por JULIÃO SELVAGEM

Desenhos de Ed. MALTA



EDUARDO tinha ido de Portugal para a América em busca de fortuna que na sua terra nunca lhe sorria. A América seduzia-o e ele partiu confiante e esperançado, não supondo, porém, que a sua vida iria correr cheia de dificuldades.

Andou por lá muitos meses, empregando-se aqui, para logo se desempregar, jantando hoje fartamente para amanhã passar

sem comer, tendo agora com que comprar um charuto para logo não ter nem sequer uma ponta de cigarro. O seu arrependimento em abandonar Portugal, chegava já ao desespero, quando, ao atravessar uma das largas ruas da cidade do «Dollar», sentiu um choque fortíssimo que o lançou por terra, ferindo, ligeiramente, conforme pôde levantar-se e viu algumas pessoas junto de si e, dentre elas, alguém que lhe perguntou:

— Estás ferido?

— Não sei, — respondeu Eduardo — mas é pena que o seu carro não me tivesse esmagado o crâneo. Valia mais que andar para aqui...

O dono do automóvel viu, então, que Eduardo tinha um pequeno ferimento na cabeça e disse-lhe:

— Sou o banqueiro Edgar. Suba para o meu carro e venha tratar-se.

Eduardo seguiu-o e quando chegou junto do automóvel viu dentro um rapaz aparentando 14 anos, que o banqueiro disse ser seu filho Jaime.

Subiu para o carro que os conduziu a um palacete duma aristocrática rua, sendo ele pensado da pequena ferida pela esposa do banqueiro, que de acordo com seu marido, convidou Eduardo a ser seu hóspede até ficar completamente curado. Eduardo, depois de muito instado, aceitou o amável convite. Conversaram largo tempo e, por fim, Edgar perguntou-lhe:

— E como veio parar a Nova-Iork?

— Como vêm todos os imigrantes. A América seduziu-me. Lá pela minha terra fala-se de fortunas angariadas na América e, como todos, lancei-me à aventura, deixando a minha Pátria e vindo para aqui. Empreguei-me num escritório mas devido à má sorte desempreguei-me, tendo andado para aí, procurando maneira de me manter, mas, decididamente Nova-York e as suas maravilhas não foram criadas para mim.

— Continúa, então sem trabalho?

— É verdade.

— Bem — disse o banqueiro — vivo aqui apenas com os meus, mas tenho necessidade de um secretário particular. Quere aceitar esse encargo?

— Não mereço tanto, Contentar-me-ia com muito menos.

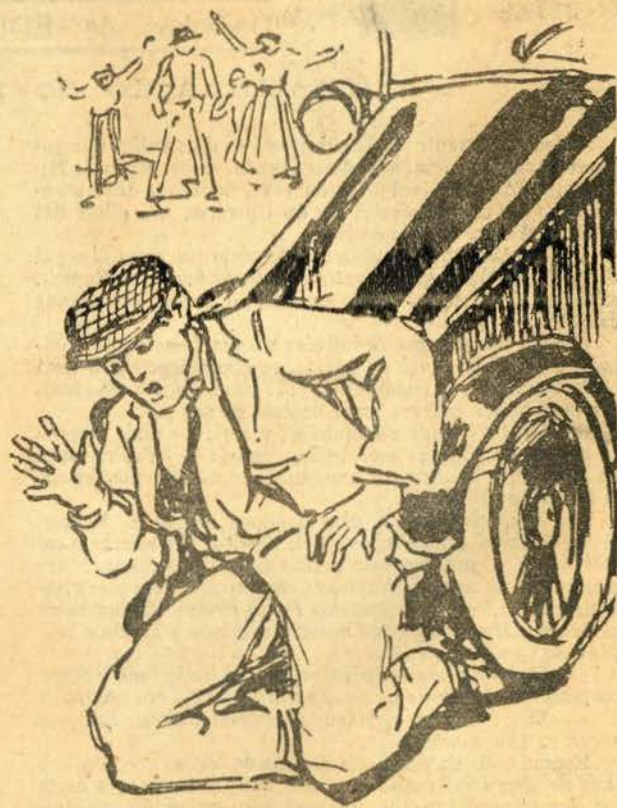
— Mas — teimou Edgar — eu entendo que este lugar

será bem desempenhado e aceita-o, não é verdade?

— Se assim o quere, seja.

Eduardo ficou e dispendeu tal actividade no seu novo mister que passado algum tempo, era o homem de confiança do banqueiro e quasi seu conselheiro. Edgar levava-o a toda parte e apresentava-o a toda a gente como seu amigo e não como seu empregado. Em todas as festas que se realisavam em casa do banqueiro, Eduardo representava um papel importante, andando daqui para ali, atendendo todos amavelmente.

Além disso, Eduardo fôra sempre um grande adepto do desporto e, como tal, emitia a sua opinião com entusiasmo, o que lhe grangeara um sem número de amigos que gostavam de o ouvir e que o convidavam muitas vezes a fim de os auxiliar na realização de algumas festas desportivas e outras vezes a tomar parte, nas mesmas, como atleta.



Numa festa organizada por Eduardo e alguns amigos, sob o patrocínio de Edgar em que se disputava uma taça com o nome do banqueiro, Eduardo pôs tal ardor na luta que conseguiu ganhá-la na prova final duma corrida. Isso mereceu-



lhe o cognome de «Rei da Festa» e os seus amigos passaram apenas a tratá-lo por King, nome por que o trataremos também agora. Dentre os amigos de King o que mais lhe toma, va a atenção era decerto o joven Jaime, filho do banqueiro. Acompanhava-o sempre. Eduardo era o seu mestre em ginástica, em esgrima, tennis, etc., e quando Jaime voltava das aulas ia ter com o seu amigo, umas vezes para remarem no enorme lago do parque de sua casa e outras, para darem longos passeios a cavalo. King bendizia o trambulhão que dera em frente do automovel do banqueiro, porque elle lhe proporcionára tudo: amigos e uma vida feliz.

Um dia o banqueiro annunciou uma festa para comemorar o aniversário de sua esposa e mandou fazer, para oferecer esta um precioso colar de pérolas enormes que valia uma fortuna e esteve exposto alguns dias nas vitrinas do joalheiro que a executára.

Estavam a cinco dias da festa, como de costume, foi convidar King para um passeio a cavalo, mas este não pôde anuir, por ter muito que fazer e o filho do banqueiro resolveu, então sair só e despediu-se, dizendo:

— Até à noite, King. Espero que logo terás mais tempo para assistirmos aos combates.

— Decerto. E é por isso mesmo que não saio agora. Trabalharei para logo estar disponível. Jaime saiu e Eduardo continuou trabalhando. A noite aproximava-se e Jaime ainda não voltára. O banqueiro entrou no gabinete onde trabalhava o seu secretário particular e disse-lhe:

— King; estou aflito, Jaime ainda não voltou.

Eduardo saltou na cadeira e olhou espantado o banqueiro.

— Mas, não é costume, não, Jaime tem por hábito voltar cedo. Tanto mais que tínhamos combinado assistir à sessão de «box» desta noite.

— Por onde andará elle?!

— Esperemos — disse King — talvez se não demore. Elle saiu a cavalo?

— Não. Como não foste, saiu a pé.

Esperaram todos. Era noite fechada e no gabinete de King estavam os pais de Jaime e o seu secretário, todos pensativos. Não diziam palavra havia muito. De repente a campainha do telefone retiniu. King precipitou-se para o aparelho, ao mesmo tempo que os pais de Jaime se inclinaram na ância de saber noticias. King falou e o seu rosto transfigurado mostrava bem que as noticias não eram agradáveis. Sem dizer palavra, Eduardo entregou o auscultador ao banqueiro que por sua vez interrogou o desconhecido que, da outra extremidade do fio, lhe disse:

— Se quere saber noticias de seu filho vá à caixa-rece-

ptáculo do portão do parque. — E desligou o aparelho. Edgar pousou o auscultador e lívido exclamou:

— Depressa, King, à caixa do portão!

O secretário do banqueiro pegou na chave que este lhe estendia e precipitou-se para o parque. Chegou ao portão, abriu a caixa e de dentro dela tirou a única carta que lá se encontrava, e voltou ao gabinete, entregando-a ao banqueiro. Este abriu precipitadamente o envelope e leu com voz alterada:

«Senhor: — Conhecemos o valor do colar que tem em seu poder e resolvemos adquiri-lo pelo meio mais cómodo. Para isso raptámos seu filho Jaime — que para si vale muito mais — e em troca do qual nos entregará o colar ou o seu valor em notas do banco. Se estiver disposto a acceder ao nosso convite queira esperar-nos amanhã, pelas 22 horas, no descampado que fica por detrás da «Rosen Street». Recomendamos-lhe que se nos tentar ludibriar, Jaime voltará até nós novamente. Não leve policia. Nada ganhará. — O numero 13».

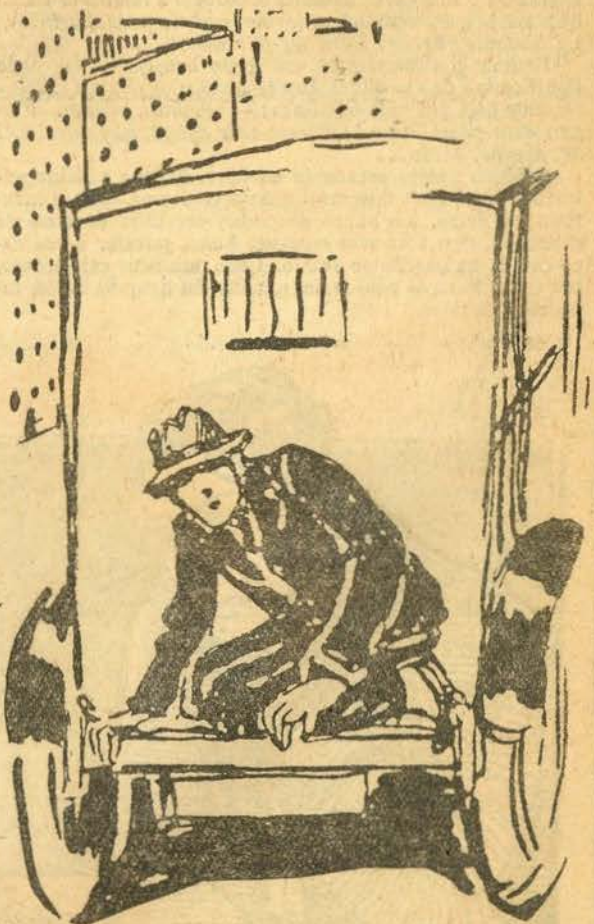
Depois de lêr o banqueiro disse para o seu secretário:

— Vou passar um cheque no valor do colar e amanhã vais levantar o dinheiro ao banco e levá-lo a esses bandidos.

— Nunca. Dinheiro não! — disse King — Levarei o colar. Não pregunte nada por que eu arranjaréi as cousas de maneira a que, no dia da festa, não-de aparecer ambos Jaime e o colar.

— Confio em ti, King.

No outro dia, à hora marcada na misteriosa carta, King estava no local designado. Pouco depois de ali chegar, viu



aproximar-se um automovel que parou junto de si. Uma voz disse:

— Trezel!

(Continua na página 7)

OS BANDOLEIROS

(Continuado da pag. 1)

mo tempo que apontava para a trazeira da casa: — *a estrebaria é ali... Entrem, que eu levo a bêsta...*

Milita e Rapina transpuzeram logo o limiar da porta. A frouxa luz dum pequeno candieiro a um canto, alumia a loja. Era uma loja o aposento da entrada. Taberna rodeada de barris e almudes, três mesas de pinho e seis bancos compridos, face a um longo balcão, sôbre um chão de lagedo onde assentava uma escada, íngreme e tósca, de carunchosa madeira.

Milita, esfalfada, deixou-se cair num banco, apoiando a cabeça num braço, sôbre a mesa de pinho. Afagando-lhe a nuca, Rapina sentou-se ao lado. Dois minutos depois, voltou o estalajadeiro. Ao encarar Rapina, cujas feições não vira bem contra a luz do luar, agora, que a luz do candil lhe alumia o rosto, teve, ao reconhecê-lo, uma exclamação de surpresa: — *Rapina! Ah, és tu!... Há tanto que te não via, homem!...*

Rapina, embora vagamente se lembrasse da rude fisionomia do estalajadeiro e de já ter ouvido aquela voz arroucada, não o reconheceu, contudo, o que levou o outro a prosseguir:

— *Já me não reconheces... Nem admira; faltam-me as barbas, asg randes barbas que usava! Já lá vão seis anos... tinhas nove apenas. Eu era tambôr do rancho...*

— *O «Mata-e-Esfola»!...* — interrompeu, subitamente, Rapina, reconhecendo nêle um antigo bandoleiro.

— *Faia baixo, homem! Podem ouvir e não me convêm. Sim senhor, eu mesmo!...* — ciciou o estalajadeiro erguendo um dedo à boca. E apontando Milita, cuja nobre aparência o intrigava bastante, levando-o a remira-la da cabeça aos pés, acrescentou ao ouvido: — *bela presa, hein?!.. Caiu-te nas garras! Deve ser-te rendosa.*

Rapina, contrariado, fez um gesto brusco, de tal modo significativo de consideração e respeito, que «Mata-e-Esfola» rematou com um vago embaraço: — *Pronto, pronto. Já cá não está quem falou! Querem-se tr deitar, não é assim?! Sigam-me, então...*

Subindo a tósca escada de madeira, Rapina e Milita entravam agora num miseravel quarto com uma cama e lavatório em ferro, um banco de pinho, servindo de mesa de cabeceira, com uma véla espetada numa garrafa, e um tósco cabide na parede do fundo. Chão também carunchoso, por cujos buracos passavam, quando em quando, ratos, carochas e baratas.

A-pesar-de não inspirar garantia de aceso a roupa do leite, Milita, devido ao grande cansaço que sentia, não hesitou um momento, deitou-se e adormeceu. Rapina sentou-se aos pés da cama e, contemplando, enlevado, a formosura imensa de Milita, pôs-se a pensar no rumo que daria à sua vida nova. Entregue a tal pensamento, inda não havia decorrido um quarto de hora quando sentiu alguém bater levemente à porta. Abrindo-a, pé ante pé, deu novamente com «Mata-e-Esfola» que lhe bichanou aos ouvidos:

— *«Amigo e Senhor Rapina, preciso muito falar com Vossa Senhoria...*

— *«Amanhã jalaremos, amigo «Mata-e-Esfola» agora vou dormir... respondeu, naturalmente, Rapina, embora estranhando a atitude servil e o tratamento cerimonioso do estalajadeiro que, pouco antes, ao vê-lo, o tratara por tu, com a intimidade de outrora.*

— *«Ná; q e o que tenho a dizer-lhe não é que se adie! Há dez minutos que estou a matutar num bom negóclozinho. Caiu do céu, amigo e senhor Rapina! Vossa Mercê nem sonha a boa sorte que o espera!»*

As últimas palavras de «Mata-e-Esfola» aguçaram de tal forma a curiosidade do ex-salteador que este, pegando-lhe num braço, como súbitamente tomado por um pressentimento, se encaminhou para o lance da escada, e levando consigo o estalajadeiro para um dos recantos da taberna:

— *«Fala; dize o que tens a dizer-me» intimou Rapina, quasi pressentindo a estranha revelação.*

— *«Isto não vai assim, de afogadilho. Vamos beber primeiro do melhor vinho da loja» e, enchendo duas canecas que colocou sôbre a mesa a que Rapina apoiava os*





cotovelos, rematou com ar, simultaneamente, velhaco e bonacheirão, ao mesmo tempo que emborcava o vinho:

— «A saúde do «meco» à tua, à de tua mãe e teu pai!»

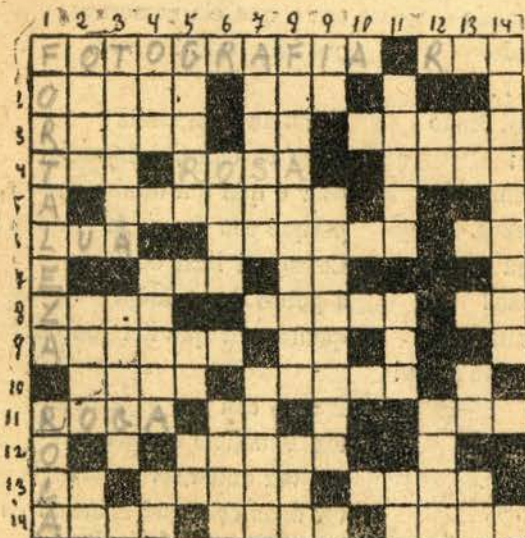
Rapina que na insinuação do estalajadeiro logo pressentiu o segredo da sua infância, a revelação do seu enigmático passado, cujas reminiscências, «fôfo regaço, prateada roca, bercinho de oiro, etc.», se avivavam agora, ansiosamente exclamou: — «Porque bebes à saúde de meus pais, se nunca os conheci?»

— «Porque os conheço eu e, por sinal, que não são para desprezar! Ouve tudo... eu conto. Eu pertencia ao oandó... já era o nosso chefe o «Barba-Azul». Numa linda noite de primavera, deviam ser onze horas, estavam nós acampados na azinhaga do Cêrro, ao pé da Cruz da Morte. Era por lá que se fazia todo o trânsito, em virtude de arranjos na embocadura da estrada. Estávamos todos em roda do lume, dispostos a ceiar, quando, ao longe, ouvimos o chocalhar dos guisos duma li-



teira que se aproximava. — «Alto! Sentido!» gritou-nos o Barba-Azul. Avançámos em massa. Fazendo parar a

(Continua na pagina 8)



Costa

A. Daniel Sá

Palavras cruzadas

Horizontalmente

1—Retrato, forma do verbo rir. 2—Pedra preciosa, prefixo latino, consoante, vogal. 3—Verbo, preposição inglesa, olhar com atenção. 4—substantivo, planta espinhosa, numeral. 5—Vogal, substantivo, consoante. 6—Satélite da Terra, substantivo, nota musical. 7—Vogal onde comem os porcos, interjeições, consoante. 8—Cuidada. Flo de qualquer metal indispensável à vida. 9—Asselce, pronome inglês, consoante, vogal. 10—Monte de cereal, sítio onde se polsa, consoante. 11—Suplica, parte do moinho, consoante pronome passivo. 12—Vogal, vogal, nome dum rio português e duma provincia portuguesa, vogal B adverbio de lugar, fim da vida, substantivo. 13—Instrumento musical, repouso em inglês, adjectivo.

Verticalmente

1—Praça fortificada com que se fia. 2—Estupefaciente, vogal, capacete de guerra, indispensável à vida. 3—Fruto africano, «cidade belga», consoante. 4—Interjeição, vogal, forma de verbo por, não é boa. 5—Ave, vogal, forma do verbo haver, nota musical. 6—Consoante, fila de arvores, vogal, forma do verbo morar. 7—Verbo, vogal, pedra que serve de ancora a pequenos navios 8—Divisão dos animais invertebrados, substantivo. 9—Forma do verbo inglês «to be», natural da Asia, vogal. 10—Vogal consoante, vogal, consoante, consoante. 11—Substantivo, fenomeno acustico, adverbio (antigo). 12—Forma do verbo rir, vaso de beber. 13—prep. inglesa, consoante, vogal, nota musical, artigo. 14—Instrumento com que se examina o ar, vogal, vogal.

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITARE



Poesia infantil

Por GRACIETTE BRANCO
de SANTA RITA

O meu segrêdo

Querem saber, certamente,
o que está neste cestinho?
Não lhes digo... é segredinho...
Adivinhem! Que será?...
Será merenda? Enganaram-se.
Serão pombas, rôlas ou flores?...
Iludem-se, meus senhores...
Nada disso aqui está.
Esta manhã, ao almoço,
estava ao pé da mamãzinha,
e veio uma pobrezinha,
da casa á porta bater.
Era, como eu, pequenina,
mas vinha toda rasgada,
com a saia esfarrapada,
cheia de frio, a tremer...
A mamã, com pena dela,
mandou-lhe dar bom almoço
e eu lancei-me ao seu pescoço,
dizendo, com muito amor:
— «Tenho roupa de sobejo,
deixe-me ir meter no saco,
uma saia e um casaco

que a pobre não tem calôr!»
A mamã, sorrindo, disse:
— «Filha: vai buscar o teu fatinho
para dar á pobrezinha infeliz.»
E eu corri, com tanta pressa,
que na esteira tropeçando
quási que ia quebrando,
daquela vez, o nariz...
Mas não quebrei; e ali tenho
saia, casaco e vestido;
não lhe deve estar comprido,
são assim todos os meus.
Oh! Quém me déra já vê-la
agasalhada e quentinha!
E' tão bom dar esmolinha
aos pobres, p'lo Amor de Deus!

No saco lá está o fato.
No cêsto vem o segrêdo.

Mas, palavra, tenho mêdo
que a mamã me vá ralhar!
Ontem, porém, a mendiga,

emquanto á porta esperava,
certo objecto cubiçava...
eu bem vi o seu olhar...
A minha boneca nova,
que junto a mim almoçava,
era o que ela namorava,
por isso levar-lha vou.

Vêem-na toda catita?
Abre os olhos, é de mola,
esta é que é a minha esmola,
porque sou eu quem lha dou!
Como vai ficar contente
a pobre da rapariga
quando vir que lha vou dar!

E se o céu nos paga bem
um beneficio sincero,
em vez duma só, espero
ter duas com que brincar!

O bandido numero 13

(Continuação da página 3)

King aproximou-se e disse para dentro do carro:

— Do banqueiro Edgar.

— Trouxe o colar?

— Está aqui.

— Então entregue mo.

— Mais de vagar. Primeiro preciso de vêr Jaime. Depois lhe entregarei o objecto.

Então, King viu assomar a cabeça do filho do banqueiro, ao mesmo tempo que uma pistola lhes recomendava prudência. Entregou o colar. A portinhola do carro abriu-se e Jaime saiu. Este quasi não tinha posto os pés no chão e já o carro principiava a andar. King rapidamente segredou:

— Vai para casa, Jaimito. Eu vou em seguida.

Correu para o carro que se afastava e, alcançado este, saltou para a roda sobrececente que estava fixa na parte trazeira. Jaime ficou a seguir o quadro com a vista até o perder na sombra. Depois orientou-se e conhecendo o local onde se encontrava tomou a direcção de casa.

King seguia seguro à roda do carro, que andou durante mais de trinta minutos a toda a velocidade e por caminhos pouco frequentados e foi, por fim parar à porta duma casa de má aparência, numa rua escura e solitária. King ocultou-se o melhor que ponde junto do carro e viu sair de dentro d'este um homem apenas, que disse para o *chauffeur*:

— Fim. Não convém que estejas aqui. Vai dar uma volta e daqui por um quarto de hora espera-me n'esse mesmo sitio que temos que fazer.

E desapareceu no interior da habitação. O *chauffeur* pôs o carro em movimento e partiu. King executou a mesma manobra de há pouco e seguiu também no carro. Depois de algumas voltas pelas ruas escuras daquele bairro, King, conforme lhe foi possível, consultou o relógio e viu que tinham andado quasi dez minutos. Eduardo tinha traçado o seu plano, mas o seu semblante manifestava impaciência. De repente o carro entrou na estrada onde não havia casas. Apenas árvores dum lado e doutro impediam o luar de penetrar livremente no caminho. O *chauffeur* aprestou-se para voltar pelo caminho percorrido, na intenção de ir esperar o enigmatico «13». Então, King tirou da algibeira um revolver, com a coronha do qual bateu no guarda-lamas do carro. Jim ao ouvir o ruído fez parar o automóvel e desceu no intuito de verificar a sua causa. King rapidamente contornou o carro de maneira a ficar por detrás do cúmplice do ladrão do colar. Aproximou-se sem o outro dar por isso e, ainda com a coronha do revolver, descarregou tão violenta pancada na nuca do *chauffeur* que este caiu sem dar acôrdo de si. King voltou a olhar o relógio. Tinha apenas cinco minutos diante si. Despiu o casaco e envervou o de Jim, pôs na cabeça o *bonet* d'este e ia a subir para o

carro quando reparou que o conductor do automóvel usava um pequeno bigode. Humedeceu com saliva o lábio superior e com o auxilio de um espelho e dum lápis de cópia, pintou, à luz dos farois um bigode parecido com o do *chauffeur*. Depois tirou a este o cinto e a gravata, com o que lhe prendeu os braços e as pernas. Com o lenço fez-lhe uma mordança e depois escondeu o prisioneiro entre uns arbustos. Subiu para o carro e voltou a toda a brida, à rua onde se encontrava o gatuno do colar. Assim que chegou à porta o misterioso personagem saiu e disse para o pseudo cúmplice:

— Vamos a minha casa, mas depressa.

E subiu para o veículo. King, não esperou por mais nada. Meteu o carro pelas ruas que conduziam ao primeiro posto policial. Chegado ali parou o carro voltando-se para trás imediatamente e, de revolver em punho, disse para o ladrão do colar:

— Mandou-me conduzi-lo a sua «casa» e eu creio que que deve ser esta a moradia dos patifes da sua espécie. Não se móva por que vou prevenir quem o deve receber condignamente.

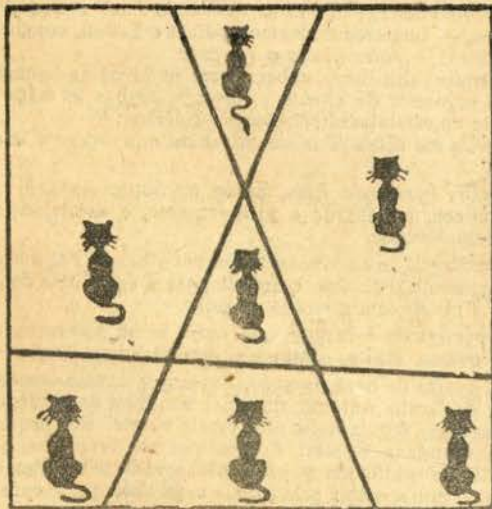
Com a mão que tinha livre levou aos lábios um apito. Os guardas ao verem o carro parado e ouvindo o apito correram para lá. King explicou o que se passava e o ladrão foi imediatamente algemado e conduzido a um dos calabouços do posto. Depois disto, o improvisado *chauffeur* pediu para que dois guardas o acompanhassem e foi com elles no carro buscar o *chauffeur* que tinha deixado manietado. Ao voltar foi-lhe restituído o colar e Eduardo partiu contente para casa do banqueiro. Quando lá chegou foi recebido com alegria e soube, então, que Jaime, depois de se despedir d'ele no dia do seu desaparecimento tinha sido atacado por dois homens que após o amarrarem lhe venderam os olhos e o conduziram não sabia onde. Esses dois homens eram o bandido «numero 13» e o *chauffeur* agora a ferros devido à sagacidade de Eduardo.

No dia do aniversário da esposa do banqueiro, realizou-se a annunciada festa e o cubiçado colar foi o assunto de todas as conversas. A mãe de Jaime ostentava-o com orgulho porque elle tinha agora um duplo valôr para si, Eduardo foi muito felicitado e quando lhe elogiavam a sua coragem elle disse:

— Calhou... Foi o número do bandido que me deu sorte. Se elle tivesse mudado de número eu teria decerto perdido a partida...

F I M

Solução do problema do numero anterior



Como veem com 3 linhas rectas conseguimos isolar os 7 gatos

Enigmas pitorescos

por Morenita





OS BANDOLEIROS



(Continuação da pagina 5)

liteira, bradamos depois em côro, como era da praxe:
— «bôlsa ou a via!»

— «Nada trazemos, de valia, comônsco!» exclamou o individuo que guiava a liteira. Pelo traje, notamos que era pessoa bem grada, de teres e haveres. Acompanham-no, apenas, uma senhora, inda nova, com um menino ao colo. — «Então, fica em refens o menino que só será resgatado a trôco de mil moedas exclamou «Barba-Azul». Na noite seguinte, em vez do regaste, surgiu-nos a policia que matou a tiro o «Trinca-Fortes» e o «Estoi-ro». Ficou-nos o «Pimpolho» que à lei da natureza se fez homem, que era a «mascote» do bando e que hoje aqui ertá a ouvir-me. As voltas que o mundo dá!

Rapina, de cotovelo apoiado na superficie da mesa e a mão na face, ouvia o relato de Mata-e-Esfola» com a ância de o esfolar e matar, por vêr no estalajadeiro um participante no crime, cúmplice na sua desgraça,

Interrompendo-o, bruscamente, perguntou, irritado:

— «E como sabes o nome de meu pai?»

— «Porque no momento em que o assaltamos, nos entregou um cartão com a promessa de vir, no dia inmediato, resgatar a criança.

— «Como se chama, então, e onde mora?! interrompeu vivamente Rapina.

— «Mais devagar! Vossa Senhoria é um pouco precipitada, — (metejou cinicamente Mata-e-Esfola, concluindo a frase): — falta ainda o regaste!

Sentindo subir-lhe à cabeça uma onda de indignação, Rapina ergueu-se de chofre, e, levando ambas as mãos ao esganete do estalajadeiro, ameaçou colérico:

— «Ou me dizes já o seu nome ou aqui mesmo te esgano».

— «Dr. Fernando Reis, Solar de Santo António...» tartamudeou, o cabarde e aslitivamente, o estalajadeiro, todo congestionado.

Uma alegria imensa se espalhou nos olhos de Rapina que imediatamente o deixou, correndo para a estrabaria donde partiu, a cavalo, em direcção do solar.

Na pocilga do Albergue, que outro nome não merecia o misero quarto, Milita, extenuada, dormia a bom dormir.

Um quarto de hora passado, Rapina, a cavalo, rondava o solar de Santo António que, por estanha coincidência, tinha naquela tépida noite uma janela aberta. Um pequeno muro circundava o solar. Ancioso por vêr seus pais, sem ser visto, de súbito um pensamento ousado o assaltou: — «escalar o muro, saltar pela janela e, pé ante pé, surpreender os pais a dormir.

(Continua no proximo número)